

Floradas Romance
na Serra

© 2021 Editora Instante

© 2021 Titular dos direitos autorais de Dinah Silveira de Queiroz

Direção Editorial: **Silvio Testa**

Coordenação Editorial: **Fabiana Medina**

Revisão: **Laila Guilherme** e **Carla Fortino**

Capa: **Fabiana Yoshikawa**

Ilustrações: **Joice Trujillo**

Diagramação: **Estúdio Dito e Feito**

1ª Edição: 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Laura Emília da Silva Siqueira CRB 8/8127)

Queiroz, Dinah Silveira de.

Floradas na Serra / Dinah Silveira de Queiroz. 1ª ed. —

São Paulo: Editora Instante: 2021.

Primeiro romance da autora, foi adaptado para o cinema em 1954 e para a TV brasileira como teleromance em 1981 e minissérie em 1991.

ISBN 978-65-87342-05-4

1. Literatura brasileira 2. Literatura brasileira: romance
I. Queiroz, Dinah Silveira de.

CDU 821.134.3(81)

CDD 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira
2. Literatura brasileira: romance
869.3

Texto fixado conforme o Acordo Ortográfico da

Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil a partir de 2009.

www.editorainstante.com.br

facebook.com/editorainstante

instagram.com/editorainstante

Floradas na Serra é uma publicação da Editora Instante.

Este livro foi composto com as fontes Arnhem e Monroe

e impresso sobre papel Pólen Soft 80g/m² em Edições Loyola.

6.9 instante



Floradas Romance na Serra

Dinah Silveira de Queiroz



Um desabrochar em floradas

Mesmo que surgido despretensiosamente e escrito por uma jovem ainda na casa dos vinte anos, este livro é um marco na história da literatura produzida por mulheres no Brasil.

Floradas na Serra é o romance de estreia de uma autora que nasceu há mais de um século. Ao publicá-lo em 1939, muito provavelmente a jovem Dinah sonhava com o sucesso, como todo escritor estreante. E tinha com que alimentar esses sonhos, pois vinha de uma família que valorizava os livros e a leitura e contava com o incentivo do pai e do marido — situação que não era das mais frequentes na época. Mas a jovem romancista que mal desabrochava, por mais sonhadora que fosse, talvez não pudesse imaginar que um dia ganharia o mais significativo reconhecimento da literatura brasileira para o conjunto da obra, o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, em 1954, tendo sido inclusive a primeira mulher a recebê-lo. E, com certeza, não vislumbrava outro pioneirismo: depois disso, seria a segunda mulher a entrar para essa mesma ABL, em 1981. Nessa constelação de êxitos, este seu romance de estreia, *Floradas na Serra*, viraria filme, estrelado pela magnífica Cacilda Becker, ganharia prêmio da Academia Paulista e seria publicado em outros países. Outro romance, premiadíssimo, *A muralha*, serviria de base para uma novela televisiva de sucesso. E *Os invasores* viraria enredo de escola de samba.*

* No Carnaval carioca de 1969, a Unidos do Uraiti, agremiação já extinta, se inspirou em *Os invasores* para a elaboração de seu desfile.

Tudo isso ainda estava no longínquo horizonte do futuro quando este livro saiu. O presente estava na história que ele conta, um tempo fielmente retratado no livro, como o leitor atento verificará. Uma época em que uma doença como a tuberculose continuava a ser o que tinha sido pelos séculos afora — quase uma condenação à morte, numa sociedade ainda sem antibióticos, em que se buscava tratamento precário isolando o doente em sanatórios num clima mais frio e seco (condição que também servira de quadro para *A montanha mágica*, de Thomas Mann, um clássico da literatura universal). E também uma época anterior aos anticoncepcionais e à revolução sexual por eles trazida, detalhe que o leitor de hoje não pode ignorar, tanto para bem entender a aparente ingenuidade da mocinha como para perceber a crueldade social que a autora retrata — de leve, mas à espreita, sempre pronta a se exercer sobre a mulher que pretendesse viver o amor com liberdade ou sobre a moça que rompesse os códigos de conduta com uma gravidez indesejada.

Em sua vida, segura de si no casamento, a autora nem por isso deixava de estar atenta a outros destinos e os evoca neste livro marcado por certo lirismo juvenil, mas profundamente impregnado de uma sensibilidade especial para a solidão. Talvez nascida de lembranças da infância e da adolescência da própria Dinah, que ficou órfã de mãe aos três anos — e dessa recôndita memória vem a cena da despedida materna à distância, quando a mãe, temerosa de contagiar a filha, pede que retirem a fita do cabelo da personagem e lhe tragam para beijá-la. Nesse sentido, há um depoimento tocante da irmã caçula de Dinah, a também escritora Helena Silveira:

Creio que esse fantasma da mãe morta logo que eu nasci foi resolvido por mim na infância, escrevendo-a em minha cabeça. Em Dinah, ela dormiu longos anos, e minha irmã a construiu em pedaços de criaturas de ficção quando fez seu primeiro romance: *Floradas na Serra*, todo habitado de

tísica, hemoptises com o pólen das flores de Campos de Jordão coincidindo com pulmões sangrando.

A própria Dinah, no discurso de posse na ABL, revelou que, ao escrever uma das cenas deste livro, foi interrompida pela pergunta de sua tia-avó que entrara no quarto e, ao vê-la chorando, quis saber o motivo. Ao que a escritora respondeu, “com o rosto banhado em lágrimas”, que era por causa da cena que acabara de escrever — e não vou trazer aqui um *spoiler*, especificando qual foi. Mas menciono o fato para sublinhar quanto a memória biográfica se fez presente na feitura deste *Floradas na Serra* e no tipo de sensibilidade que ele carrega, como parte daquilo que, nas palavras da autora, consiste em integrar a “espécie que traz consigo a mansa loucura de acreditar nos seres que brotam da nossa cabeça, como sangue de nossa alma”.

Indo além de eventuais reflexos autobiográficos e de aspectos conjunturais da geração em que Dinah Silveira de Queiroz desabrochava ao estrear em nossa literatura, permito-me chamar a atenção para um aspecto que aprecio muito em sua obra. Trata-se de algo hoje já tão assimilado e incorporado a nossas letras que passa despercebido: a contribuição para uma linguagem narrativa brasileira. Gosto da linguagem coloquial e oralizante que começava a chegar à nossa literatura naquele momento, com Jorge Amado, Erico Verissimo, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e alguns outros. No caso de Dinah, uma linguagem urbana, sem marcas regionalistas, à vontade no coloquial quando necessário, sem impositões castiças e heranças lusitanas diretas na construção das frases ou na obediência a exigências formais exageradas. Desde o Modernismo de 1922, essa busca era consciente e defendida pelas vanguardas — mas nem sempre conseguia escapar a bizarrices e estranhezas ou a registros meio artificiais de prosódia regional. A obra de Dinah Silveira de Queiroz ajudou a consolidar e fixar essa linguagem brasileira de contar as coisas de um modo fluente e nosso. Com

tal naturalidade, mantém intacto seu frescor e nem chama a atenção do leitor para esse fato. Só isso já é um grande feito, se comparado a tantos outros textos seus contemporâneos. Seus diálogos nos fazem ouvir uma conversa entre pessoas comuns, sem preciosismos de pronomes oblíquos corretísimos mas artificiais, exibição de sinônimos cintilantes ou de tempos verbais solenes. Por isso, nos aproximam e transportam para seu universo com tanta facilidade.

Vale a pena ainda destacar o olhar sensível da autora para a realidade que a cerca e incorpora ao romance. É uma visão atenta da natureza e das pessoas. Dá especial relevância aos imigrantes japoneses, tão presentes, chegando à região. Vê o automóvel solitário quando ele ainda está ao longe e acompanha sua aproximação. Observa as estações que deslizam pela janela do trem, a paisagem que vai mudando. Traz o frescor da cachoeira e sua tentação. Repara detalhadamente nas araucárias e nos pinheiros de todo tipo e os distingue das árvores frutíferas que caracterizam o local, cujos delicados matizes ressalta, das pétalas brancas das pereiras aos tons róseos de pessegueiros e macieiras. E é com esse olhar de respeito pelo real, de amorosa atenção, que delicadamente vai compondo seu cenário e nele situando seus personagens.

Talvez por isso tudo o encontro do leitor e da leitora com as palavras de Dinah Silveira de Queiroz, no desabrochar de sua carreira, ainda seja um momento agradável nestes dias do século XXI um tanto distantes de sua estreia, mas não tanto que se possa dizer que proporcionem um mergulho na eternidade de um clássico. Simplesmente, um instante vivo.

Ana Maria Machado, escritora, sexta ocupante da
Cadeira nº 1 da Academia Brasileira de Letras.
Presidiu a Academia em 2012 e 2013.



Arnica
Lychnophora
TINTURA
Asteraceae

Xarope de Arnica
Alcool
Arnica
Tintura



— Estamos no alto da Serra! — gritou alguém no pequeno vagão.

Alguns passageiros levantaram-se procurando entrever nas janelas opostas os vertiginosos despenhadeiros da Mantiqueira, meio encobertos pela névoa.

Elza, entretanto, olhava pela janela como uma cega. Que lhe importava aquele cenário? Acaso não estava caminhando para um desterro? Alguém mais iria com ela, dentro desse vagão, cumprir a mesma pena, irmão na mesma desgraça? Então, de repente, seus olhos, que a magreza aumentara, adquiriram estranha mobilidade. Iam de um passageiro a outro, procurando... Procuravam olhos fundos, ombros furando a roupa, um ar de cansaço, de tristeza. Procuraram inutilmente. No banco ao lado, um casal com três filhinhos. O marido tinha ido buscar a família em Pinda.* Conversavam animados, a mulher, faceira, contando episódios, como uma colegial que falasse das férias.

— Eu *tive* doente, e mamãe me deixou, foi ao cinema, viu, pai?

Ela dava explicações, um pouco constrangida, aborrecida com os mexericos das crianças, mas o marido ria um riso feliz, cheio de gosto, de posse novamente daquelas suas criaturas.

“Não, estes não são doentes”, pensava Elza. “Nem aqueles dois rapazes, nem aquela japonesa ali perto da porta.”

* “Pinda” é a forma reduzida de se referir a Pindamonhangaba, município da região do Vale do Paraíba, em São Paulo.

Os olhos corriam pelo vago. A angústia tomava-lhe o peito. Zumbidos desagradáveis no ouvido. Queixou-se à mãe.

— É a altitude, minha filha. Agasalhe-se. Veja só como o tempo mudou.

Dona Matilde ajudou a filha a vestir o casaco, a enrolar a echarpe.

— Meu bem, que coisas extraordinárias fazem aqui os japoneses! Olhe lá embaixo.

Culturas exóticas retalhavam a Serra, subiam e se perdiam em lugares aparentemente inacessíveis. Sobre o verde sombrio que emergia da fumaça, a terra, recortada e nua, às vezes aparecia pronta para o plantio.

Elza viu os pinheiros. Tudo o mais, todas as árvores se juntavam e se perdiam na confusão; só a araucária aparecia e dominava a paisagem, ereta e perfeita.

Uma pequena parada. Crianças japonesas festejavam e acompanhavam uma jovem professora. Pareciam bonecas de loja, os japonesinhos corados, muito corados pelo frio. A professora sentou-se em frente de Elza. Agitava a mão pela janela, sorridente, cheia de graça e saúde.

Elza abriu devagar a bolsa, tirou o ruge, avivou as faces, os lábios. Oh, aquelas olheiras, nada a fazer com elas... Uma lágrima impertinente brilhou um instante por entre os cílios. Guardou logo o espelhinho.

— Não chore, meu bem — disse, aflita, dona Matilde.

— Por favor, mamãe, não fale comigo, é pior!

E, de repente, não se contendo mais, Elza começou a soluçar baixinho.

A professora voltou-se para dona Matilde com um olhar compassivo.

— Ela está com medo daqui, não é?

E logo, sem esperar resposta, dirigindo-se à jovem:

— Não faça isso, não se desespere. Olhe uma coisa. Tenho visto muitos em pior estado voltarem curados. Todos chegam assim, assustados, mas olhe... Ali está um sanatório!

Um pavilhão muito branco, alpendrado, aparecia ao longe.

— Outro. Aquele é só para moças.

Elza olhava nervosamente, cheia de uma curiosidade dolorida. Iguais, vidas iguais à dela... vidas condenadas.

Começou, com voz fraca, a pedir informações. Disseram-lhe em São Paulo que a vida nos sanatórios era muito triste, de uma disciplina terrível... Ficara receosa. Ia para uma pensão de moças, a pensão de dona Sofia, em Abernécia.

— A senhora conhece?

— Ah, sim, fica um pouco retirada, mas acho que vai gostar.

— Ah! A senhora nem sabe como agradeço essas palavras à minha filha. Não imagina que luta para conseguir que ela viesse. Só quando desesperou de ficar boa em São Paulo é que pude trazê-la. Aliás, eu também não tinha energia. Separar-me dela assim doentinha!

Nova parada. Agora, semeadas aqui e ali, pequenas casas apareciam. Plantações de pereiras. Pessegueiros. Uma rua.

— Aqui é o Dispensário. É um posto para tratamento gratuito. Lá, estão vendo aquela casa com dois terraços? É uma república de rapazes doentes. Este pavilhão é o mercado. Estão chegando...

— Não desce? — perguntou Elza, que simpatizara com a moça.

— Não, vou para Capivari. Fique tranquila que há de melhorar logo. Adeus.

Dona Matilde ajudou, cuidadosa, a filha a descer do trem. A outra, debruçada à janela, ainda as viu quando tomavam um automóvel. Quase todos os dias fazia conhecimentos assim no trem. Teve uma piedade momentânea. “Mais uma...”

O carro rodou um instante junto da estação, tomou a rua, virou à esquerda e começou a subir. Pequenos bangalôs se sucediam, tranquilizadores. Aqui e ali, grupos em conversas. Moças e rapazes em trajés esportivos. Subiam sempre. A estrada, uma plantação de pereiras. O automóvel

parou bruscamente. Elza olhou a casa. Era de madeira, caia-da, mas confortável, com um grande terraço. Uma senhora e três moças em pé, junto da grade. Foram recebê-las. Ajudaram Elza a entrar, solícitas. A senhora, já na sala, dirigiu-se a dona Matilde:

— Bem, mais uma filhinha... Verá como eu tomo conta da sua menina!

Elza olhou prevenida para a dona da pensão. Era uma mulher alta, seca, arruivada, de olhos miúdos e pincenê. Quarenta anos, talvez mais.

— Aqui estão suas companheiras, quero apresentá-las.

A moça, caindo extenuada numa poltrona, ouviu:

— Esta é a Letícia. — (Seria doente? Impossível! Alta, fresca, simpática, uns olhos imensos e negros que devoram o rosto. Só olhos, risonhos e alegres.)

— Vai morar juntinho de mim. O meu quarto é aquele.

— Esta é Lucília. — (Alta também. Alourada. Uns olhos um pouco à flor da pele. Um ar de cansaço, os cabelos des-penteados. Quadris estreitos. Um vestido estampado bonito e como que deslocado ali, naquela sala.)

— Aqui é um pouco melhor que o sanatório. Você é pequenina. Mas, Belinha, não se assuste, vê-se logo que você ainda é a caçula!

— Eu sou a Belinha — disse a última, risonha. (Um ar de colégio interno. Um vestidinho branco abotoado até o pescoço. Fraquinha, olhos dourados, redondos e admirados.)

— Você trouxe revista? Ah, não repare, é a nossa distração. Revistas... Temos um bom rádio também. Ouvimos muito bem o Rio e São Paulo o dia todo.

Dona Matilde, porém, se escusava com as moças:

— Ela está muito cansada e um pouco febril. Venha deitar-se, Elza.

As três ficaram paradas na soleira da porta, curiosas. Dona Sofia mostrava o quarto, todo rosa, com a mobília es-maltada da mesma cor.

— Onde está minha cama? — perguntou dona Matilde.

— A senhora já foi avisada de que não aceitamos acompanhantes. Não é por má vontade, mas pelo próprio bem das moças. Acostumam-se mais depressa. Há pouco tempo transigi com uma senhora do Rio. Ficou aqui por uns dias, atrapalhando tudo. Mingauzinhos para a filha a todo momento, e a menina recusando... “Ela vai morrer...”, chorava, assustava a menina e as outras. Fui obrigada a mandar as duas embora.

— Compreendo — disse dona Matilde. — Mas terei que dormir em alguma parte... Ah, sim, já tomou o trabalho de reservar o quarto em outra pensão. Desculpem-me — disse com voz ligeiramente alterada. — Elza vai deitar-se, e tenho que arrumar as suas roupas.

Fechou a porta, ajudou a filha a deitar-se, cobriu-a, cheia de mil cuidados, afetando um ar despreocupado. Suas mãos, porém, estavam trêmulas. “Vou deixá-la, coitadinha, vou deixá-la quando mais precisa de mim”, pensava. Mas e os outros dois? O marido e o filho em idade escolar? Ah! Essa doença traiçoeira, que fere, que leva sempre os melhores... Perdera um irmão já, levado por ela, mas Elza, a sua Elza, ficaria boa. Olhou-a profundamente nos olhos. Branca, na brancura dos travesseiros, com a mancha de ruge violenta sobre os lábios.

— Mamãe, quero pedir uma coisa...

— Já me pediu mil vezes. Eu já sei, fique tranquila. O Osvaldo não saberá. Não havia mal que ele soubesse. Se gosta realmente de você, por que ocultar?

Elza abanava a cabeça, nervosa e impaciente.

— Não se aflija. Ninguém, mesmo da família, sabe... Você está aqui, está fraca, anêmica, estudou demais, veio fazer um repouso... Até temos sorte — disse dona Matilde com certo amargor. — O Osvaldo ter ido para a Inglaterra pouco tempo antes...

— Mamãe, valerá a pena o sacrifício dessa separação? Quero viver, quero sarar, quero esperar Osvaldo curada, bonita... Mamãe, diga que sim... diga assim: “Elza vai ficar boa”.

— Elza. Vai. Ficar. Boa.

Dona Matilde voltou-se para o armário, colocou um vestido no cabide, demoradamente, para que a filha não lhe visse o rosto. Uma fala débil e quebrada chegou a seus ouvidos.

— Que esquisito, mamãe. Parece o primeiro dia que passei interna no colégio.

Dona Matilde vinha do armário para a mala, da mala para o armário, arrumando tudo, calada. Elza viu o vestido azul de bolinhas passar na sua frente, elevado como se fosse uma bandeira, depois o verde, o marrom, o mais novo e mais bonito, o lilás, e pensava, lentamente, com umas ideias que vinham mais perto e depois sumiam: “Vestirei este? Vestirei aquele? Quando, quando? Onde?”. Seus olhos demoraram-se um instante através da janela, ampla e rasgada, num grupo de pinheiros. Um, dois, três, quatro. A luz da tarde baixava. Sentiu uns arrepios. A hora da febre. Voltou-se para o lado, sentindo nas costas aquele arranhão, aquela presença. “Papai... Paulinho... Osvaldo, Osvaldo... quero você. Aqui bem perto.” Tremia. O frio corria pelas pernas, pelo ventre e vinha pelo pescoço até junto das orelhas. Fragmentos de lembranças. “Osvaldo comigo em Santos, quando éramos pequenos. ‘Elza, eu não tenho medo do mar... Vamos, a sua mão...’ A água era tão fria...”

A febre subia. Tomava conta de Elza. Aquencia-lhe as recordações, que borbulhavam coloridas em sequências rápidas. Depois, tudo se foi confundindo. Dona Matilde, ajoelhada a um canto, diante de um pequeno móvel, arrumava os sapatos, arrumava...

Elza despertou assustada com duas estranhas a seu lado. Não, não eram estranhas. Aquela ali era a Letícia, e a outra, ah, sim, a Belinha.

— Vim avisar que o doutor Celso telefonou. Ele vem já aí — falou a mais velha.

— Vim recomendada pelo doutor Aires de Sá — disse Elza.

— Ah, o doutor Celso é mesmo o melhor daqui. Queria que você visse a inveja desses outros médicos. Porque, sendo

tão moço, já tem uma fama enorme. Se você visse como eu vim para cá... E a Belinha, então! Aposto como vai começar já com os “pneus” com você.

— Você ainda não fez nenhum? — perguntou Belinha.

— Vocês querem dizer pneumotórax, não é? Dói muito?

— Não, é como a picada de qualquer injeção.

Elza perguntou pela mãe. Achava difícil, achava mesmo impossível, enfrentar o julgamento do médico sem ela. Mas Belinha explicou que dona Matilde tinha ido jantar:

— O jantar na pensão em que está é muito cedo.

Letícia ajudou-a a enfiar um penhoar azul-claro. Sentou-se na cama, trêmula, pediu um pente, ajustou os cabelos. Belinha olhava-a curiosa.

— O seu penhoar é bonito. Que cor tão linda! Gosto muito de azul, mas adoro o rosa. Deixe-me ver seus vestidos. Quantos, quantos vestidos! Que linda esta cor... meio rosa, meio lilás... Que vestido maravilhoso!

Tirou-o do cabide, colocou-o diante de si, olhou-se ao espelho. Dava voltas, divertida, contente com a própria figura. Elza via aquilo com um sorriso desanimado, um pouco cansada daqueles exageros da menina; Letícia pareceu compreender:

— Você desculpe essa garota; é sempre assim. Já tem quinze anos, vai fazer dezesseis logo e é a meninazinha aqui de casa.

Belinha deixou de fazer as voltas e reverências diante do espelho, colocou cuidadosa o vestido no armário e, abrindo muito os olhos dourados, disse com certa pena:

— Desculpe. Mas fico como louca quando vejo essas coisas tão bonitas que todas usam. Eu só visto branco. Promessa de mamãe, que queria uma menina — riu de repente — e já tinha doze filhos! Mas mamãe queria muito uma filhinha e pediu a Nossa Senhora: “Se eu tiver uma menina, até os dezesseis anos só vestirá branco”. Só uso branco. Até o penhoar, até as sandálias... Agora você entendeu por que fui mexer no seu armário, não é?

Bateram à porta. Letícia levantou-se, abriu-a. Entrou um rapaz. Alto, fino de corpo, um pouco desleixado na roupa marrom. A barba por fazer. Uma fisionomia risonha.

“Tão moço”, pensou Elza, desconfiada.

— Mais uma companheira para vocês... Então, fez boa viagem? — disse doutor Celso, dirigindo-se à doente e se sentando em frente da cama, numa cadeira que Letícia trouxe.

Elza olhou-o com uns olhos abatidos e tristes.

— Estou tão mal! Piorei muito com a viagem. Devo estar com febre. As costas estão doloridas como se tivesse apanhado...

Fez um esboço de sorriso, querendo atrair simpatia.

— O doutor Aires escreveu-me contando o caso.

Auscultou-a rapidamente. Elza sentiu a cabeça do médico nas costas, no peito, e, pela primeira vez ao ser examinada, pensava: “É um homem, é um rapaz”. Sentiu-lhe, perturbada, o cheiro dos cabelos. Momentos depois ele lhe tomava a temperatura. A moça observava-o, enquanto conversava com Letícia e Belinha. Tinha cara de menino, sim, mas olheiras fundas, num contraste interessante.

— Onde está Lucília? — perguntou o médico.

— Não sei — disse Letícia. — Anda só e não dá satisfação. Tem um gênio! Não admira não a terem querido no sanatório.

— É uma menina impossível. Ontem, eu fazia um passeio com um amigo, perto de casa. Um rapazinho caminhava só e muito depressa em nossa frente. Alcancei-o. Era Lucília metida numas calças engraçadas. Zanguei-me. Andara demasiado! Não sei o que faça com essa pequena. Recomendo-lhe repouso. Pode andar, sim, mas não como tem feito ultimamente. — Voltou-se para Elza. — É uma doente rebelde! Tenho um trabalho com ela... — Tomou o termômetro, olhou-o uns segundos. — Bem, dona Elza, a senhora passará o dia todo de amanhã em repouso. Alimente-se do que quiser, mas não saia da cama; precisa descansar da viagem. Depois de amanhã, irá às nove horas ao meu consultório para batermos uma chapa.

Era pouco. Pouca atenção. Elza sentiu um grande desapontamento. Doutor Celso conversou uns instantes com Belinha e Letícia. Despediu-se em seguida. Letícia acompanhou-o ao automóvel e depois, entrando no quarto, disse com ar engraçado:

— Ele é um amor, não é mesmo?

Dona Sofia veio à noite, agasalhou Elza com mais dois cobertores. Fazia frio. Um frio intenso.

— Não feche a janela, menina. Cubra-se quanto quiser, mas aqui o regime é este. Janela aberta!

Agora, com a luz apagada, o luar invadiu o quarto. Lá estavam, perfeitas, as silhuetas dos pinheiros. Elza pensava em seus companheiros. A lua se debruçava sobre eles. Dispneia, lividez. A solidão, o desamparo das horas lentas da noite. A lua entrando nos sanatórios, nos bangalôs, nas pensões. Fantasiou vários doentes na imaginação: “Uma velha. Sequinha e miúda, tossindo, tossindo, sentada na cama...”; “Uma menina. Abrindo os olhos, espantada com o luar no quarto, sentindo no peito o aperto, aquele aperto. Susto. Vai gritar...”; “Um homem. Parece um Cristo, bonito, os olhos cavados, os lábios arroxeados. Geme baixinho, geme um gemido fundo, uma queixa dolorida...”.

Eram esses os companheiros que Elza queria, no egoísmo que vive em cada doente. Não essas moças que ali estavam dormindo perto dela e gozando de uma aparência de saúde.

Elza pensou mais uma vez nos companheiros que criara. O sono veio. Cobriu os pinheiros, o luar.

Mais tarde ouviu tossir. Muitas vezes. Seria Belinha? Seria Letícia ou Lucília? Uma tosse seca. Elza voltou-se na cama. Sentiu paz e dormiu profundamente, até de manhã.